



## UM QUILOMBO DE HISTÓRIA: Narrativas orais e memória coletivas em diálogo com o ensino nos anos iniciais

Rozário Moreira, Suélem <sup>1</sup>

Alcântara Salim, Maria Alayde<sup>2</sup>

### Resumo

O presente estudo, intitulado “Um Quilombo de História: Narrativas orais e memórias coletiva em diálogo com o ensino nos anos iniciais”, tem como objetivo analisar de que maneira o trabalho com narrativas orais de moradores da comunidade quilombola Córrego do Chiado pode contribuir para o processo de ensino e aprendizagem nos anos iniciais do Ensino Fundamental. A investigação parte do pressuposto de que a oralidade, enquanto prática ancestral e elemento estruturante das comunidades quilombolas, constitui não apenas um recurso de ressignificação da memória, mas também um caminho para a construção de saberes que dialogam com a escola. Nesse sentido, busca-se compreender como as histórias transmitidas de geração em geração podem ser incorporadas ao ensino escolar, contribuindo para a afirmação da identidade cultural quilombola e para a formação crítica dos estudantes. O estudo se fundamenta em referenciais teóricos que discutem a história oral, a memória e a educação intercultural, ressaltando a importância de práticas pedagógicas que reconheçam a diversidade e fortaleçam processos de ensino pautados na pluralidade de experiências históricas e culturais.

**Palavras-chave:** História oral. Comunidade quilombola. Narrativas orais. Memória coletiva.

### Introdução

A oralidade constitui-se como um dos principais instrumentos de transmissão de saberes, valores e experiências em diferentes contextos históricos e culturais. Nos quilombos, em particular, a palavra falada assume papel central na preservação da memória coletiva, na afirmação identitária e na continuidade das tradições. As narrativas orais, marcadas por experiências de resistência, solidariedade e ancestralidade, configuram-se como fontes ricas para o entendimento da história e para o fortalecimento da consciência histórica das novas gerações. Como destaca Bosi (1994, p.17) “a memória é presença do passado”, e nesse sentido, a oralidade ao recuperar e experiências vividas, atua como um instrumento de ressignificação cultural e de afirmação identitária.

Nesse sentido, o tema desta pesquisa emerge de uma motivação central vinculada a minha trajetória pessoal e acadêmica, se inscreve sobretudo, em uma perspectiva histórica. Enquanto moradora do quilombo Córrego do Chiado, localizado no município de São Mateus, no estado do Espírito Santo, percebo





cotidianamente os desafios relacionados à preservação da memória, da identidade e das tradições de minha comunidade. Essa vivência, associada ao apagamento histórico frequentemente imposto aos povos quilombolas, desperta a necessidade de construir narrativas que valorizem as vozes locais e promovam a visibilidade das experiências históricas desses sujeitos. Diante desse contexto, a pergunta norteadora é: de que maneira as narrativas orais podem contribuir para a afirmação das memórias de um quilombo e, simultaneamente, favorecer o processo de aprendizagem dos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental da Escola E.P.M. Córrego do Chiado?

Como destaca Portelli (1997), a história oral permite recuperar a subjetividade dos narradores, revelando dimensões que a documentação escrita frequentemente silencia. Dessa forma, a pesquisa busca articular minha posição enquanto integrante do território com uma postura acadêmica crítica, que reconhece a oralidade como um método legítimo e potente para compreender a dinâmica social, cultural e política das comunidades quilombolas. O reconhecimento de que a escola, enquanto espaço de produção e socialização de conhecimentos, deve abrir-se para práticas que acolham diferentes epistemologias, reconhecendo a centralidade da história oral como recurso metodológico e formativo.

A relevância desta pesquisa se justifica, primeiramente, pela necessidade de romper com narrativas hegemônicas que, ao longo da história, invisibilizam ou reduzem a importância das comunidades quilombolas à condição de resistência meramente passiva. Moura (1981) enfatiza que os quilombos não foram apenas espaços de fuga, mas sim organizações sociais complexas, capazes de elaborar estratégias de sobrevivência, solidariedade e resistência frente ao sistema escravocrata e ao racismo estrutural. Ao privilegiar a oralidade como ferramenta metodológica, este estudo busca restituir o protagonismo aos sujeitos quilombolas, reconhecendo-os como agentes históricos que constroem e transmitem saberes fundamentais para a compreensão da sociedade brasileira.

Possui também relevância social, uma vez que contribui para a valorização da memória coletiva e para o fortalecimento da identidade quilombola em um contexto de constantes disputas territoriais, políticas e culturais. Segundo Nora (1993), a memória coletiva é fundamental para a constituição das identidades, pois permite a resignificação do passado no presente. Ao sistematizar narrativas orais, este estudo pretende, portanto, reafirmar a legitimidade das vozes quilombolas na





construção de identidade, alinhando-se à perspectiva de Nascimento (2006), que defende a centralidade das comunidades negras na reconstrução da história brasileira a partir de suas próprias experiências.

No campo acadêmico, a pesquisa justifica-se por ampliar o debate sobre a história oral como metodologia capaz de ressignificar a produção historiográfica tradicional, abrindo espaço para interpretações plurais e descentralizadas. Thompson (2002) aponta que a história oral não apenas amplia as fontes disponíveis para o historiador, mas também democratiza a produção do conhecimento, permitindo que grupos marginalizados participem ativamente da construção de suas próprias narrativas. Ao explorar as potencialidades desta metodologia em comunidades quilombolas, este estudo contribui oferecendo subsídios teóricos e práticos para futuras investigações que valorizem o protagonismo das comunidades tradicionais.

Ao discorrer sobre tais fundamentos, a presente pesquisa tem como objetivo central analisar de que maneira o trabalho com narrativas orais de moradores da comunidade quilombola Córrego do Chiado pode contribuir para o processo de ensino e aprendizagem nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Os objetivos específicos desta pesquisa configuram-se como elementos orientadores ao longo de seu desenvolvimento, delineando os seguintes percursos: investigar os processos históricos e os aspectos culturais da comunidade quilombola Córrego do Chiado; identificar a relevância econômica e cultural do dendê na dinâmica social da comunidade; e elaborar uma proposta de livro paradidático que tenha como referência o processo de produção do azeite de dendê.

A oralidade, compreendida como um dos principais instrumentos de transmissão de saberes, valores e memórias coletivas, revela-se um recurso pedagógico capaz de fortalecer processos de ensino e aprendizagem, sobretudo em contextos marcados pela diversidade cultural. Como lembra Ecléa Bosi (2003, p.15), “a memória é um cabedal infinito de experiências que transmitem através da palavra carregada de afetos e significados”. As narrativas orais quilombolas não apenas preservam a história coletiva, mas também ampliam os horizontes de aprendizagem ao promover vínculos entre memória, identidade e educação.

## **1 Percursos metodológicos**

Ao serem incorporadas ao ensino dos anos iniciais, as narrativas orais da comunidade quilombola Córrego do Chiado configuram-se como um recurso







pedagógico essencial para o fortalecimento da identidade cultural e para a promoção de um aprendizado mais significativo, contextualizado e sensível às realidades socioculturais dos estudantes. Nessa perspectiva, a pesquisa será conduzida tendo a história oral como principal método de investigação, por se tratar de um procedimento sistemático, rigoroso e capaz de assegurar a validade dos resultados desde a formulação das questões norteadoras até a análise dos dados produzidos, Meihy e Holanda (2020, p.71-72). Assim, o uso da história oral fornece diretrizes metodológicas consistentes e contribui para a identificação de caminhos que permitam alcançar os efeitos esperados, Considerando seu potencial para acessar memórias, experiências e saberes que não se encontram registrados em fontes escritas, mas que constituem elementos centrais na construção da identidade e na transmissão cultural em comunidades quilombolas.

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, fundamentada nos pressupostos da pesquisa participante, uma vez que envolve a comunidade investigada como sujeito ativo no processo de produção de conhecimento. Nesse enfoque, a participação dos integrantes da comunidade não se restringe ao fornecimento de dados, mas compreende sua colaboração contínua na definição de problemas, na interpretação das informações e na construção coletiva dos resultados. Assim, a pesquisa participante busca não apenas compreender uma realidade social, mas também promover transformações a partir do engajamento crítico dos sujeitos envolvidos, conforme defendem Freire (1996) ao destacar o caráter dialógico da construção do saber, e Thiollent (2011), ao enfatizar o papel emancipatório e colaborativo desse tipo de abordagem metodológica.

A escolha pela história oral fundamenta-se na compreensão de que a oralidade, nos contextos quilombolas, é não apenas uma forma de registro, mas também uma prática política de ressignificação e afirmação cultural, Oliveira (2025) enfatiza que “utilizar a História Oral como ferramenta metodológica no estudo de comunidades quilombolas, é reconhecer a potência da memória como resistência e da fala como construção de cidadania”, reforçando a ideia de que a metodologia da História Oral não é apenas útil, mas praticamente essencial para estudar comunidades quilombolas, porque permite acessar vozes que de outra forma ficariam silenciadas.

A coleta de dados será realizada por meio de entrevistas de história de vida para resgatar trajetórias pessoais que se conectam à memória coletiva da





comunidade e registros audiovisuais, quando autorizado pela comunidade, para preservar a riqueza das expressões orais, gestuais e performáticas associadas às narrativas, Neves (2000) orienta que “quando se emprega a metodologia da História Oral, um projeto previamente elaborado por historiadores orienta o processo de rememorar e lembrar sujeitos históricos, ou mesmo de testemunhas da história vivida por uma coletividade”. Nesse sentido a memória não é acionada de forma espontânea e neutra, mas a partir de um projeto de investigação previamente definido.

Os sujeitos da pesquisa serão membros da comunidade quilombola Córrego do Chiado, a seleção seguirá critérios de relevância cultural e representatividade, priorizando moradores anciãos. Seguirá os princípios éticos garantidos pela Resolução nº 510, de 7 de Abril de 2016 e estabelecidos pelo Comitê de Ética em Pesquisa, levando em consideração o consentimento livre e esclarecido dos participantes respeitando o direito à confidencialidade e à utilização das narrativas conforme a autorização dos colaboradores (BRASIL, 2016). Portanto, a realização de uma pesquisa ética e de qualidade deve estar fundamentada na dignidade e autonomia humana, articulando compromisso e transparência com os direitos democráticos e sociais, R.S.M.A.S (2023).

Nesse sentido os materiais produzidos a partir das entrevistas e relatos serão sistematizados e transformados em uma proposta de um livro paradidático de modo a ser incorporado na dinâmica escolar da comunidade. Em consonância com a perspectiva de Meihy e Holanda (2020), que defendem a importância da história oral como meio de valorização da memória coletiva e de construção de identidades no espaço educativo. Ao incorporar essas narrativas no processo formativo, a escola amplia sua função social, favorecendo a construção de sujeitos críticos e conscientes de sua trajetória comunitária. Além disso, o diálogo entre saberes locais e práticas pedagógicas contribui para o reconhecimento da diversidade cultural e para o fortalecimento dos vínculos entre escola, território e comunidade, valorizando experiências que, historicamente, foram silenciadas ou marginalizadas.

## **Considerações**

A pesquisa em torno das narrativas orais e das memórias coletivas da Comunidade Quilombola evidencia a relevância desses saberes na construção de práticas educativas voltadas aos anos iniciais. A oralidade, transmitida de geração em geração, não apenas preserva a memória e a identidade, mas também fortalece





o sentimento de pertencimento e resistência cultural. Como destaca Paul Thompson (1992, p. 44), “a história oral pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental dentro dela”. Essa perspectiva demonstra que os relatos quilombolas, ao adentrarem o espaço escolar, ressignificam o processo de ensino e aprendizagem, aproximando o conhecimento formal das experiências cotidianas e da ancestralidade.

Assim, o diálogo entre memória coletiva e educação básica ultrapassa a dimensão pedagógica, configurando-se como instrumento de valorização das identidades e de formação cidadã. Mais do que um recurso metodológico, as narrativas orais tornam-se práticas de resistência e de afirmação cultural, possibilitando que a escola se consolide como espaço de intercâmbio de saberes e de construção de uma sociedade plural, inclusiva e consciente de sua própria história.

## Referências

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. **Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, Seção 1, p. 44, 24 maio 2016.

REIS, Maria Clareth Gonçalves; SANTOS, Maria Walburga dos; AZEVEDO, Débora Rodrigues; SOARES, Edimara Gonçalves. **Ética e pesquisa em educação: subsídios**. Ética em pesquisa: educação e comunidades quilombolas, v.1, p.159-176. Rio de Janeiro, ANPED, 2023.

MOURA, Clóvis. **Rebeliões da Senzala**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História, n. 10, 1993.

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

PORTELLI, Alessandro. **Filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais**. Tempo, v.2, n.3, 1997.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar**. 2º ed., 8º reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020.





FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

NEVES, Lucília de Almeida. **Memória, história e sujeito**: substratos da identidade. História Oral, v. 3, 2000.

OLIVEIRA, Isabel Christina Gonçalves. **Vozes que (re)existem**: a história oral como instrumento metodológico no estudo de comunidades quilombolas. Campo da História, v. 10, n. 2, 2025, e,476.

